


Agricultura latino-americana

Novos arranjos e velhas questões

*Anita Brumer e Diego Piñeiro
organizadores*


UFRGS
EDITORA

© dos autores
1ª edição: 2005

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa: Eska design + comunicação
Revisão: Sonia Taborda (português) e Silvana Tanzi (espanhol)
Preparação de originais: Sônia Beatriz Coppini

A278 Agricultura Latino-americana: novos arranjos e velhas questões /
organizado por Anita Brumer e Diego Piñero; Mônica Cavalcanti
Lepri... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

(Coleção Estudos Rurais).

Inclui referências.
Inclui figuras, quadros e tabelas.
Obra bilíngüe: Português e Espanhol.

1. Sociologia. 2. Sociologia rural – América Latina. 3. Agricultura latino Americana.
4. Agricultura familiar – Sustentabilidade. 5. Reforma agrária – Assentamentos rurais –
Estrutura fundiária – Produção agropecuária. 6. Globalização – Comunidade rural. 7.
Narcotráfico – Violência. 8. Produtor rural – Política agrícola – Pobreza – Inserção –
Exclusão. 9. Educação rural – Jovem – Mulher – Gênero. 10. Migração rural-urbana –
Problema social. 11. Trabalho familiar rural – Organização – Capital – Sistema de pro-
dução – Pluriatividade. 12. Trabalho assalariado – Plantação florestal – Capitalismo. I.
Brumer, Anita. II. Piñero, Diego. III. Lepri, Mônica Cavalcanti. IV. Título. V. Série.

CDU 301.35

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Ana Lucia Wagner, CRB-10/1396)

ISBN 85-7025-826-7

SUMÁRIO

Uma visão panorâmica da Sociologia rural na América Latina Anita Brumer e Diego Piñero	9
A Sociologia Rural e seus duplos sentidos Mônica Cavalcanti Lepri	19
Nueva ruralidad en zonas marginales de Colombia Cesar Enrique Ortiz Guerrero	35
Narcotráfico y violencia en Sinaloa – México Arcelia de la Torre Barrón Karla Jazmin Galindo Vazquez	71
Agricultores pobres: os invisíveis do campo Clovis Dorigon Dilvan Luiz Ferrari Wilson Marcos Testa Milton Luiz Sivestro Márcio A de Mello	85
Aproximación a las mujeres jóvenes campesinas Sonia Zapata Donoso	107

Dinámicas de cambio en la agricultura familiar: complejidad ocupacional, diversidad estructural e inscripción social Carla Grass	123
Problemas e perspectivas do trabalho rural assalariado nas plantações florestais no Brasil: análise a partir de uma região do estado de Minas Gerais Múcio Tosta Gonçalves	143
Classe, etnia e violência nas fazendas de café do oeste paulista Karl Monsma e Simone Medeiros	163
Impactos sócio-territoriais e econômicos da reforma agrária na zona canavieira do Nordeste Emília de Rodat F. Moreira Ivan Targino Marilda Aparecida de Menezes Elisa Guaraná de Castro	185
Organização produtiva e impactos dos assentamentos rurais do estado de Sergipe Eliano Sérgio Azevedo Lopes Elmer Nascimento Matos Marlene dos Santos Alves Tânia Elias Magno da Silva	205
O status de "assentado": entre a autonomia e a subordinação Ana Cristina Chaves Andrade Marilda Aparecida de Menezes	237
Voices e imagens do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e problemas ambientais Izabel Mendonça Faria Norma Felicidade Lopes da Silva Valencio Maria Inês Rauter Mancuso Maria Aparecida de Moraes Silva	259
Para entender a sustentabilidade das organizações de crédito na agricultura familiar: a importância dos vínculos sociais Mônica Schröder	287
Tendências e desafios do monitoramento e avaliação do desenvolvimento rural local e sustentável Marcelo Porto Nicola Vivien Diesel	315
Globalización, género y comunidades rurales: un estudio en Tlaxcala, México Marta B. Chiappe Emma Zapata Martelo	335
La experiencia de niños y niñas en la migración estacional de jornaleros agrícolas en México Kim Sánchez Saldaña	361
La fuerza de trabajo migrante mexicana, de procedencia rural, ante el mercado laboral norteamericano Elba Pérez Villalba	379
Sobre os autores	393

A Sociologia Rural e seus duplos sentidos ¹

Mônica Cavalcanti Lepri²

Eu desconfio dos pesquisadores que pretendem serem úteis e necessárias as aplicações da ciência às quais eles se dedicam. Suspeito que seu desejo entusiástico de ação, seus estremecimentos febris, não sejam apenas o sintoma de uma impaciência ou de uma ambição desmedida – temo que eles somente recubram um profundo pânico epistemológico.

Gregory Bateson

O mapa nunca é o território ³

É ao nomearmos que nós humanos damos existência – mesmo que “apenas” simbólica. Porém, não só no contexto de antigas tradições míticas e religiosas ou sob o império do moderno *sensu comum*, o homem “*vive em função de proposições cuja validade depende de sua crença nessas proposições*” (Bateson 1988: 241). Também na ciência é assim. Por isso, iniciamos este relato explicitando – na medida do possível - a *epistemologia* (ou o “olhar”) e a *ontologia* (ou o “mundo” visto através desse olhar) que deram forma e conteúdo a essa *démarche* no campo da ‘sociologia rural’.

Essas observações preliminares visam ajudar a compreensão e a crítica não só da pesquisa e de seus resultados, mas principalmente dos pressupostos que os sustentam, já que uma das crenças fundadoras da possibilidade de conhecimento chamada ciência é ser capaz de superar suas verdades estabelecidas. Tal disposição para a mudança se constitui mesmo numa das principais diferenças entre a epistemologia científica e as epistemologias mítica e religiosa, que, ao contrário, são *tradicionalmente* avessas a transformações em suas narrativas (talvez por isso chamadas ‘sagradas’).

Gregory Bateson [1904-1980], cientista natural e antropólogo inglês que se debruçou sobre essas questões do “*como nós sabemos que sabemos?*”, denominava a si mesmo um *epistemólogo*: aquele que estudava como construímos os *mapas* sem os quais nos é impossível qualquer pensamento. De acordo com seu olhar, os humanos vivemos incessantemente elaborando mapas mentais provocados pelas diferenças que percebemos emanar do território: como os seres e entes que fazemos brotar das nuvens na brincadeira popular: sem um olho que o veja, impossível aquele elefante voar; com o olho que o vê, impossível aquele elefante não voar. Mas não existem “elefantes” nem “nuvem” em nossos cérebros, apenas *idéias* – “diferenças que fazem diferença” - a respeito de “elefantes” e “nuvem”. ⁴

¹ Artigo de abertura do livro *Agricultura latino-americana: novos arranjos, velhas questões*, coletânea organizada por Anita Brumer e Diego Piñeiro com 17 trabalhos apresentados no VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural/LASRU-2002, Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2005 (disponível em outra versão no sítio www.ruralidades.org.br.) Originalmente escrito para disciplina ministrada pela Profa. Maria José Carneiro/CPDA, a quem agradeço a generosa bibliografia e o competente tratamento teórico que resultaram em ricas discussões. Gostaria de agradecer aos colegas que ajudam a fazer do CPDA um estimulante e solidário espaço de convivência dedicando esse esforço teórico, ao mesmo tempo pessoal e coletivo, à memória de nosso querido Stefano Paulino.

² Cientista Social/Uff; Mestre em Ciência Ambiental/Uff; doutoranda Cpd/Ufrurairj. Pesquisadora e consultora em metodologias interativas para projetos de desenvolvimento rural sustentável.

³ Essa pequena frase – “o mapa não é o território” –, de autoria de Alfred Korzybski, é freqüentemente utilizada por G. Bateson para exemplificar um dos pressupostos básicos de sua epistemologia (ver nota 5), ajudando a perceber que o que “passa do território para o mapa são informações sobre diferenças e nada mais”, que “se não há diferença no território, nada existe a ser colocado no mapa, que continuará vazio” (Bateson 1991: 277).

⁴ Agradeço a uma crítica do Prof. Otávio Velho (Museu Nacional/UFRJ) a reformulação teórica desse parágrafo.

Para Bateson, é num tal *mundo* que nossa história se desenrola, reunindo, relacionando, tramando mapas *culturais* (elefantes-voadores) e territórios *naturais* (nuvens e olho) de forma inseparável.⁵

Como antropólogo, Bateson sabia o suficiente a respeito da diversidade produzida nos 120.000 anos de história da espécie que se autodenominou “*húmus que sabe que sabe*” para incorporar a premissa epistemológica de que qualquer “conhecimento” humano pressupõe sentidos e significados *culturalmente* construídos e internalizados (o que lhe capacitava relativizar, inclusive, sua própria atividade de cientista).

Como biólogo, por outro lado, Bateson não podia esquecer que a própria *possibilidade de conhecer* dos humanos – isto é, o próprio “corpo” dos que Platão chamou de *bípedes implumes* - era um evento da ordem da História Natural: “*A língua*”, disse Bateson referindo-se à morfologia desse órgão nos humanos, “*é em si mesma uma forma de comunicação*” (Bateson 1986: 26). Tal *unidade orgânica* da espécie, no entanto, nem sempre é devidamente considerada nas análises dos cientistas ditos humanos (Bateson 1986: Introdução).

Marx, com o qual Bateson estabeleceu ao longo de seus escritos um saboroso e estimulante diálogo,⁶ também enxergava a idéia de história como algo natural na nossa espécie:

“A própria história [humana] é uma parte efetiva da história natural, do vir a ser da natureza no homem. As ciências naturais subsumirão mais tarde a ciência do homem, assim como a ciência do homem subsumirá as ciências naturais. Haverá então uma única ciência: a história” (Marx 1974: 20).

Os cem anos que separam as reflexões desses dois pensadores críticos da modernidade, no entanto, talvez venham a ser considerados os mais **criativos** e os mais **destrutivos** da história da espécie humana, com a aparição do inconsciente, a primeira guerra *mundial*, as relatividades da Física e da Antropologia, os visionários dos anos loucos, o extermínio físico do diferente como solução política para o horror interno com o(s) nazismo(s), a estúpida bomba atômica, a revolução nos costumes, o esfacelamento do socialismo real, a miséria presente nos centros mesmo nos mais ricos, a possibilidade de crise ambiental global...

Depois de todos esses “efeitos colaterais” do pensamento ocidental moderno, Bateson não tem dificuldade em perceber o quanto Marx e principalmente os marxistas. acabamos escorregando no mesmo ‘*engano epistemológico*’ dos pesquisadores a-críticos: considerar válido o procedimento de reduzir o *mundo* apenas aos seus contornos passíveis de serem *objetivamente* controlados.⁷

Certamente era a crença na validade desse procedimento que nos permitia, por exemplo, classificar o próprio território social como “não-maduro” sempre e quando suas

⁵ Seguiremos Gregory Bateson na escolha do termo *epistemologia* para designar o duplo processo de olhar-e-ver. No entanto, *epistemologia* e *ontologia*, como as duas faces da mesma moeda, não existem em separado: “*Na história natural da existência do ser humano, ontologia e epistemologia não podem ser separadas. É incômodo referir-se constantemente tanto à epistemologia quanto à ontologia e incorreto sugerir que elas podem ser separadas na história natural humana. Parece que não existe uma palavra conveniente que dê conta da combinação destes dois conceitos*” (1973: 280).

⁶ Ver especialmente o capítulo 11 de *La Peur des Anges*: “Les messages de l’inné e de l’acquis” (Bateson, 1989).

⁷ Ser objetivo, para o cientista moderno, é transformar uma parte da Natureza em um *objeto* cujos contornos possam ser compartilhados através de formulações lógicas e experimentos empíricos matematizáveis, operação denominada de “reducionismo”: “Tendência que consiste em reduzir os fenômenos a seus componentes mais simples e a considerar estes últimos como mais importantes que os fenômenos observados” (Enciclopédia Larousse, 1998: 4952 – grifos nossos). Para Bateson, “*encontrar a explicação mais simples, mais econômica e (usualmente) mais elegante que abrangerá os dados conhecidos é a tarefa de todo cientista. Além disso, o **reducionismo** se torna um vício se for acompanhado de uma **insistência extremamente forte de que a explicação mais simples é a única explicação***” (1986: 234 – grifos nossos).

evidências empíricas se chocassem com nossas previsões teóricas. Hoje, porém, não é mais possível ignorar que apenas encolhendo a idéia de *história* até fazê-la caber dentro da idéia de *progresso material* a modernidade foi capaz de tornar real seu espantoso *mundo*, no qual uma narrativa científica pode chegar a ser considerada mais “verdadeira” do que o próprio território que ela pretende descrever e explicar.

Por outro lado, como observa Chomsky,⁸ nas análises de pensadores marxistas do século XX é pouco presente a idéia de que a *natureza* é sujeito de uma *história* que criou e até agora foi capaz de sustentar a pequenina história de nossa própria espécie. A abstração das dinâmicas físicas e ecológicas que propiciaram a história dos seres da vida nesse planeta por parte dos que se auto-definem como *materialistas e dialéticos* apenas realça a “invisibilidade” dessa barreira que divide/une as ciências da natureza e as ciências do homem.

No entanto, a vivência do século XX exigiu do pensamento crítico de si mesmo enxergar nossos próprios limites, fazendo-nos ir além (o que o pensamento conservador não faz) do moderno “penso logo existo, pois o que eu sei eu posso”. Talvez por isso Bateson estimulasse seus alunos a assumirem a possibilidade de cometer erros como uma das poucas certezas de qualquer pesquisador; desse modo, eles seriam capazes de “*aprender a aprender*”, evitando a situação dos cientistas instrumentais “*que não têm a menor idéia de que seja possível estarem errados e que por isso não podem aprender nada a não ser conhecimento técnico*” (Bateson, 1986: 32).

É essa crença na possibilidade de aprender com seus erros que cria alternativas de futuro para os que se preocupam com os *limites* do próprio olhar. É ela que autoriza o esforço de continuar procurando novas perguntas: passo indispensável para que possamos encontrar novas respostas. Mesmo que precisemos nos equivococar nessa busca.

Sentido duplo ou duplo sentido?

A partir do exposto, lançaremos um olhar ao campo da ‘sociologia rural’ buscando enxergar além dos seus *sentidos ambíguos* já tão bem contornados por Martins (1978) um quarto de século atrás. Hoje, quando o exercício da “liberdade” de “expressão” tornou-se o lugar mesmo da alienação, e não mais seu contrapeso crítico, como na época da ditadura militar, talvez seja o momento de distinguir, definir, precisar os significados múltiplos e simultâneos que a expressão “sociologia rural” carrega em seu nome.

A preocupação com *sentidos e significados* é central no pensamento de várias escolas das ciências sociais. Para Marx ([1859] 1975), se a *aparência* e a *essência* das coisas fossem o mesmo, toda ciência seria supérflua. O ponto de partida de Weber ([1905] 1996) em sua argumentação sobre o espírito capitalista é exatamente o *novo* sentido que o ser humano ganha ao passar a ver como *vocação* o que antes significava apenas *trabalho*. Radcliff-Brow ([1931] 1975) defende a idéia de que os sentidos que uma palavra tem para uma comunidade devem ser buscados nos significados, coletivos e pessoais, a ela conferidos pelo grupo social estudado. Mannheim ([1959] 1981) chega a forjar uma expressão – “*análise do significado*” –

⁸ Ver: “*Há um fato curioso a respeito da ciência social marxista; ela presumiu durante muito tempo - algo que eu acho teria horrorizado Marx - que os seres humanos deveriam ser tomados exclusivamente como criaturas da história, e não como parte da natureza. Assim, os seres humanos estão, de certo modo, fora da natureza: diferentemente de qualquer outra coisa existente no mundo, eles não têm natureza. Possuem apenas uma história e são o produto de sua organização social e da sua experiência. Isso é completamente absurdo. Se você não tem uma natureza inata, você jamais se tornará algo. É como perguntar: se você toma um organismo desprovido de informação genética e lhe fornece apenas alimentação, o que ele se tornará? Bem, a resposta é nada. Ele não terá nenhuma estrutura, nenhuma propriedade, será apenas uma massa de células, cada criatura sendo diferente da outra. Para se ter quaisquer capacidades, é preciso ter determinada estrutura. Isso se verifica em todo o mundo orgânico. Agora, é claro que todo organismo é influenciado por seu meio; você é um tipo diferente de rã ou abelha se você tiver uma nutrição e interações diferentes. Mas isso é marginal. Você será basicamente uma rã ou uma abelha.*” (Comsky 1997: 186-187 – grifos nossos)

para denominar o procedimento metodológico capaz de distinguir os diferentes “*estilos de pensamento*” que, segundo ele, aproximam e opõem conservadores, liberais e socialistas. Num esforço um tanto solitário de síntese, Nisbet ([1973] 1981) propõe cinco pares de *idéias-unidades* como contornos dentro dos quais o sociólogo deve pesquisar sentidos.

Bateson, por seu lado, sugere procurar por *contextos* capazes de tecer *laços de pertinência* entre nossa história enquanto *espécie* (da natureza) e enquanto *espécimens* (sempre de uma *determinada* cultura), num olhar inovador que busca criticar a ciência para fazê-la progredir e não para “*invocar fantasmas de velhos credos esquecidos*”. Procurar por *contextos* é um se lançar no que ele chama de “*loose thinking*”, o momento inicial da pesquisa científica, a busca do olhar capaz de fazer ver *laços de pertinência* brotando das nuvens. No entanto, antes de *soltar seu pensamento*, o cientista deve amarrar um barbante em seu dedo que o lembre estar adentrando num “*território desconhecido*” até então, pois somente esse desconhecimento o autoriza a lançar mão de critérios de pesquisa tão amplos na exploração do campo. Tudo o que porventura for trazido desse vôo – suspeitas semelhanças, indícios recorrentes, padrões sutis - deverá passar depois pelo crivo das teorias, hipóteses de trabalho, análises e resultados compartilhados do “*strict thinking*” antes de poder reivindicar ser considerado conhecimento “acadêmico” ou “científico”:

... my own experiences with strict and loose thinking [are] typical of the whole fluctuating business of the advance of science. In my case ... you can see both elements of the alternating process – first the loose thinking and the building up of a structure on unsound foundations and then the correction to the stricter thinking and the substitution of a new underpinning beneath the already constructed mass. And that, I believe, is a pretty fair picture of how science advances. (Bateson 1973: 60).⁹

Apresentar indícios e primeiras sistematizações obtidos em pequeno vôo de reconhecimento pelo campo da sociologia rural é o que faremos agora, sugerindo mapas capazes de *distinguir* e *precisar* dois significados diferentes habitando esse mesmo significante, sem que essas valências diversas e simultâneas precisem ser vistas como portadoras apenas e sempre de “duplos sentidos” ou “*ambigüidades*”.

Sociologia Rural: um significante e seus significados

O primeiro dos dois sentidos que a expressão “Sociologia Rural” terá nesta pesquisa - sempre que aparecer com as iniciais grafadas assim, em letras **maiúsculas** – remete ao amplo campo de debates e embates teórico-acadêmicos, político-econômicos e culturais que envolve cientistas e pesquisadores em sua maior parte formados em diferentes disciplinas das ciências naturais e humanas, de várias nacionalidades, que atuam nos mais diversos setores da comunidade social global (Lefebvre 1981 e Mendras 1984).

Aproveitaremos o universo de dados do X Congresso Mundial da Associação Internacional de Sociologia Rural (IRSA-SOBER 2000) para buscar visualizar algumas *diferenças que fazem diferença* nesse campo capaz de abrigar impressionante multiplicidade de enfoques, pressuposições, avaliações e resultados sobre “o” *rural*, este neologismo em voga em nossas conversas através do qual buscamos dar mais consistência a um adjetivo que parece escapar a toda sorte de substantivação.

⁹ Sobre o “fazer ciência” a partir dessa nova Epistemologia (com “E” maiúsculo), ver também ‘*La Dernière Conférence*’ (Bateson 1996: 404-412).

**Quadro I – País de Origem dos trabalhos enviados ao
X CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA RURAL da IRSA
Rio de Janeiro, Brasil, 2000 ***

Continentes	Países	N ° de Trabalhos
África	10	25
Américas	15	1.380
✓ Central	4	12
✓ do Norte	3	198
✓ do Sul	8	1.170
Ásia	12	57
Europa	33	186
Oceania	2	34
Total	72	1.682 **

* Fonte: Apresentação do Abstracts do X Congresso Mundial de Sociologia Rural, IRSA-SOBER, Rio de Janeiro, 2000.

** Inclui papers apresentados nas Plenárias e Simpósios do X Congresso IRSA e papers do XXXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural/SOBER

Embora não exaustivo, este levantamento permite abordar uma das peculiaridades do campo da Sociologia Rural: sua capacidade de reconhecer semelhanças, recorrências e até mesmo alguns padrões em situações culturalmente diversas e geograficamente distantes, sem, no entanto, apagar os contornos que fazem de cada contexto estudado algo único historicamente. Uma seleção aleatória de temas trazidos pelos pesquisadores das várias nações presentes no encontro do Rio de Janeiro permite exemplificar isso que poderíamos chamar de polifonia multicultural e multiambiental da Sociologia Rural:

- ⇒ A vida no agro na Índia contemporânea: o sistema de castas que ainda se organiza em torno do violento domínio do destino das mulheres pelo pai, pelos irmãos e pelo marido (Workshop 29 - Paper - 01071);
- ⇒ A resistência das comunidades indígenas nas devastadas encostas andinas: meio ambiente e culturas tradicionais (Workshop 3 – Paper 00981);
- ⇒ A transição para o mercado globalizado dos camponeses pós-planificados da Armênia (Workshop 17 – Paper 00918);
- ⇒ As motivações pós-modernas das agricultoras orgânicas dinamarquesas (Workshop 2 – Paper 00292);
- ⇒ Os múltiplos impactos do MST no conservador agro brasileiro (vários);
- ⇒ Os ecos acadêmicos das disputas econômicas e políticas entre a tradição cultural européia e a americana sobre o que é e o que não é alimento “saudável” (Simpósio J – Paper 00271).

Por outro lado, as tramas que dão vida ao campo da Sociologia Rural são tecidas não só a partir desse estudo de *culturas* espalhadas por todos os continentes do planeta - cada uma carregando consigo uma *história* vivida num determinado *ambiente* - mas também por narrativas produzidas através de diferentes olhares cientificamente *disciplinados* de geógrafos, economistas, estatísticos, demógrafos, pedagogos, engenheiros agrônomos, biólogos, antropólogos, psicólogos, veterinários, entre muitos outros, inclusive sociólogos.

Esses profissionais especializados ganham seu sustento como funcionários, professores, formuladores de políticas públicas, pesquisadores, extensionistas, consultores e mediadores em universidades, no governo, no setor privado, no terceiro setor, em associações profissionais e movimentos políticos de produtores e trabalhadores sem terra etc.

A polifonia *geográfica, cultural, disciplinar e profissional* que dá contornos ao campo da Sociologia Rural pode levar um sociólogo desavisado – isto é, um sociólogo *tout court, não rural* - a se sentir em meio a uma arena multiteórica e multidisciplinar complexa, grávida de ordens como o caos original. Certamente se passará algum tempo até que ele ou ela se dê conta de que o termo território, por exemplo, assume no ‘campo’ da Sociologia Rural significados e usos bastante diferentes dos aprendidos e praticados no ambiente de sua disciplina originária, a Sociologia.¹⁰ Quando um geógrafo de formação utiliza a noção território em sua contribuição aos debates, os outros pesquisadores que o escutam deveriam ter em mente que o termo território implica mundos diferentes para olhares não geográficos e, conseqüentemente, quanto não somos capazes de ver brotando do território por não sermos geógrafos, por assim dizer. Biólogos e ecólogos dão contornos a um outro mundo de pertinências e sentidos quando usam a mesma palavra, assim como antropólogos, cientistas políticos, lingüistas, agrônomos, economistas, psicólogos etc. Um território é algo que só existe a partir do próprio mapa que o constrói: todo território precisa de um mapa para ser “visto” em seus contornos; nenhum mapa, no entanto, é o próprio território, como não cansa de lembrar Bateson.

Por outro lado, o significante território, como outros **nomes** usados para designar conceitos científicos disciplinarmente construídos, possui diversos significados ancorados em pressuposições e práticas específicas da esfera do *senso comum*, significados esses que mesmo o cientista mais ‘desligado’ utiliza em seu dia a dia. Tal fato fornece um suporte aos debates do campo da Sociologia Rural e da ciência em geral pouco percebido e avaliado em sua importância.

Definido por uns como sendo um *mundo*, por outros como sendo uma *visão-de-mundo* (ambos em perigo de extinção), o ‘rural’ às vezes dá impressão de ser uma espécie de estrutura *inexistente*, apenas armadura, como o cavaleiro de Calvino. Na verdade, parece que os participantes do campo estão envolvidos em produzir contornos que sustentem o que eles/elas mesmos costumam considerar um objeto de estudo historicamente ultrapassado, espécie de fantasma de si mesmo – como um adjetivo que desejasse se substantivar.

Assim, uma suposição que talvez nos ajude a entender melhor o *contexto* da Sociologia Rural é que a própria escolha do **nome** ‘sociologia’ para ‘definir’ seus contornos pode ser vista como um indício do que os diferentes pesquisadores/especialistas que se aventuram a entrar em seus debates buscam enxergar. Afinal, o que levou uma *disciplina* conhecida por ser capaz de tornar incompreensível mesmo o assunto humano mais banal a ter seu **nome** consagrado para agregar as discussões multi e interdisciplinares em torno do indispensável – *malgré lui-même* – campo do ‘rural’? Aquilo que o adjetivo ‘rural’ anseia qualificar, pois, não teria encontrado no substantivo ‘sociologia’ - feminino e abstrato desde suas origens – um parceiro possível nesse difícil diálogo entre os *mundos* do campo e da cidade? É *como se* a própria fama de nebuloso do linguajar da Sociologia permitisse definir um contexto favorável à amplitude de significados urbanos-nativos-científicos sobre o ‘rural’ que encontraram abrigo sob seu **nome**?

Em segundo lugar, o próprio campo de debates da Sociologia Rural nasceu das questões levantadas por esse encontro entre o pensamento científico universitário moderno e formas de conhecimento e reprodução socioambientais – que uma vez podíamos chamar de “camponesas” - não só mais antigas como potencialmente mais próximas à auto-sustentabilidade que as urbano-industriais modernas. Para que a ciência instrumental fosse capaz de submeter a vida socioambiental rural a seus objetivos, acabou sendo indispensável a presença de especialistas *humanos* capazes de entrar em comunicação com pessoas (os tais “camponeses”) cujas crenças e pressuposições às vezes pareciam incompreensíveis – leia-se “não racionais” – para os esquemas mentais aprendidos pelos cientistas urbanos.

¹⁰ Para uma abordagem sociológica da territorialidade, ver Lefebvre (1981), Mendras (1984) e Martins (1978).

Uma das experiências mais enfatizadas pelos que se especializaram nos assuntos do “rural” é a resistência silenciosa e o não-reconhecimento implícito, por parte do olhar “camponês”, desse poder que concedemos ao *progresso técnico*. Hoje em dia, porém, cansados extensionistas em vias de se aposentarem podem ser vistos percorrendo os mesmos produtores rurais do início de suas carreiras, só que dessa vez desconhecendo-os das maravilhas dos agrotóxicos e fertilizantes químicos alardeadas durante a primeira Revolução Verde. Agora, como 30 anos atrás, a resistência (no caso atual, às práticas orgânicas) do “homem do campo” será debitada à sua incapacidade em aceitar as mudanças exigidas pela racionalidade moderna. Como os sociólogos de algum modo parecem, ou melhor, dizem enxergar uma “lógica” nessa resistência, os cientistas naturais e os planejadores públicos acabaram por buscar sua ajuda na árdua tarefa de fazer essa *gente* produzir de acordo com as crenças e pressuposições dos evoluídos urbanos.

Porém, esse comprometimento com finalidades e objetivos não só acadêmico-científicos, mas sobretudo tecnológicos e econômicos, carrega os sociólogos de formação que se aproximam dos debates da Sociologia Rural com demandas de “aplicações” e “resultados” estranhas à prática de sua disciplina, pelo menos em boa parte de sua vertente européia. Para entendermos melhor esse ponto, no entanto, precisaremos definir os contornos do segundo significado que se esconde sob o **nome** sociologia rural.

A sociologia rural

Sempre que aparecer grafada assim – com **minúsculas** e em *itálico* – a expressão “*sociologia rural*” remeterá a uma subdisciplina especializada (como outras) da Sociologia, que junto com a Antropologia e a Ciência Política formam o núcleo das ciências humanas chamadas de Sociais. Ao contrário das ciências naturais e exatas – cujos debates e pesquisas giram sempre em torno de *teoria e leis* -, as ciências humanas comportam disciplinas cujas vidas se desenrolam em torno de *escolas*. Um estudante de graduação no Brasil, por exemplo, aprende que as quatro mais importantes escolas (chamadas de fundadoras) da Sociologia são: as de Marx, Durkheim, Weber e a dos funcionalistas americanos. Nas disciplinas humanas, cada escola - da Sociologia, Antropologia, História, Linguística, Psicologia e outras - é responsável por suas próprias teorias e respectivos procedimentos metodológicos. Como essas “peculiaridades” epistemológicas constitutivas do olhar de um cientista social são pouco explicitadas nos intensos debates da Sociologia Rural, um dos cuidados do *sociólogo rural* deve ser não se esquecer da pluralidade de enfoques e sentidos possíveis de serem utilizados nos contatos e trabalhos que unem/dividem a *gente* do campo e a *gente* da cidade. O reconhecimento dos limites de cada *olhar* – o da própria escola, o do pesquisador, o da pesquisa e o do pesquisado - é indispensável a essa múltipla valência de significados.

Um outro “*loose thinking*” sobre os dados do X Congresso da IRSA – agora focalizando os temas dos trabalhos apresentados nos cerca de 50 workshops – pode novamente nos ajudar a sugerir alguns mapas possíveis como contribuição da *sociologia rural* aos debates do campo mais amplo da Sociologia Rural.¹¹

O resultado do vôo de reconhecimento sugeriu que se reunissem os trabalhos dos 50 workshops em seis grandes **Temas**, sendo que três workshops solitários foram agrupados num sétimo grupo, denominado “Outros”. Essa classificação, é óbvio, não se pretende exaustiva nem exclusiva, devendo ser encarada como um olhar possível da *sociologia rural* sobre os dilemas da Sociologia Rural, em busca de algumas questões que ampliem e aprofundem, ao mesmo tempo, os sentidos e significados, as relações e os sujeitos que dão vida ao campo.

¹¹ Deixei propositadamente de fora da pesquisa os 10 workshops do XXXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Rural/ SOBER, realizado em conjunto com o X Congresso da IRSA (os de número 51 a 60, com 373 trabalhos), cujo perfil é preferencialmente unidisciplinar, exigindo de todos os participantes dos debates formação econômica e matemática sólida.

Quadro 2 – Classificação por Temas e hierarquização por número de Papers dos Workshops do X CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA RURAL da IRSA Rio de Janeiro, Brasil, 2000

Classificação por Temas	N ° de Workshops	N ° de Papers
<u>I - Estudos Clássicos e Contemporâneos do Mundo Rural</u>	<u>11</u>	<u>311</u>
✓ 2 Rural women		41
✓ 3 Rural development and indigenous issues		13
✓ 7 Homogeneity and heterogeneity in the making of new ruralities		09
✓ 9 Local organization		30
✓ 19 Rural youth		19
✓ 20 Rural aged		06
✓ 22 Family farming in the late modernity		82
✓ 25 Rural cultural identity: from traditions to modernity		27
✓ 26 Tradition, detraditionalisation and peasants		21
✓ 27 Rural Tourism		25
✓ 34 Sustaining common property and rural communities		10
✓ 46 New rurality		28
<u>II – Globalização, Mercado e Novas Tecnologias</u>	<u>12</u>	<u>179</u>
✓ 4 Rural communities and information technology		09
✓ 5 Strategies of resistance to globalisation		10
✓ 21 Local consequences and responses to global integration		29
✓ 28 Global standards for agriculture and food		02
✓ 30 Globalisation of agricultural and food systems		12
✓ 31 New cultures of food: consequences for food supply chains/rural environment		10
✓ 33 Farming practices, agribusiness and environmental discourse		25
✓ 35 Agrarian change and rural livelihoods in development discourse		23
✓ 36 North south relationships in agriculture and food		02
✓ 41 Rural entrepreneurialism		14
✓ 42 Urban food security and rural impacts		10
✓ 43 Industrialisation of agriculture		33
<u>III – Democracia Local e Políticas Públicas</u>	<u>6</u>	<u>155</u>
✓ 10 Rural development and local democracy		34
✓ 12 Social and structural transformation in agriculture		51
✓ 13 Demographic change and rural populations		18
✓ 15 Promoting participation in rural development		32
✓ 44 Rural social policy		15
✓ 49 Law and rural communities		05
<u>IV – Movimentos Sociais, Assentamentos e Reforma Agrária</u>	<u>3</u>	<u>126</u>
✓ 6 Social impact assessment		15
✓ 18 Resettlement & asentamiento		63
✓ 45 Rural social movements		48
<u>VI – Alternativas à Excludente Sociedade Incluyente</u>	<u>5</u>	<u>133</u>
✓ 32 Issues in agricultural extension		33
✓ 37 Alternative trade patterns		09
✓ 39 Rural cooperatives and mainstream economics: adaptation or resistance?		44
✓ 40 Rural wage labour and unionism		24
✓ 50 Rural Health and Welfare		23
<u>V – Meio Ambiente e Sustentabilidade</u>	<u>9</u>	<u>124</u>
✓ 1 Repositioning knowledge in the study of sustainable rural livelihoods		28
✓ 8 Constructing coherence: analysis and design for endogenous rural		14

development		62
✓ 11 Natural resource management issues		
✓ 14 Social response to global environmental policies: social effects of regulatory mechanisms for environmental management		20
✓ 16 Social issues surrounding irrigation and water		14
✓ 23 Alternative agriculture movements		03
✓ 24 Rural and environmental history		30
✓ 24 Rural and environmental history		13
✓ 38 Greening of agriculture		21
✓ 48 Does social forestry contribute to sustainable livelihoods?		
VII – Outros	<u>3</u>	<u>29</u>
✓ 17 Planned and post planned economies		10
✓ 29 Crime, violence and police in rural areas: an international perspective		16
✓ 47 Religion		03
Total	<u>50</u>	<u>1057</u>

* Fonte: Abstracts e CD-Rom do X Congresso Mundial de Sociologia Rural, IRSA-SOBER, Rio de Janeiro, 2000.

Vemos que a maior concentração de **papers** se deu nos **workshops** agrupados sob o nome Estudos Clássicos e Contemporâneos do Mundo Rural, cujos textos abordam as questões tradicionais de nosso território: a família, o gênero, as gerações, a tradição, o enraizamento, a comunidade, o impacto das demandas da sociedade incluyente, as práticas agrícolas locais e, também, o importante tema das “novas ruralidades”. O resultado ajuda a realçar a especificidade do saber e do “sabor” partilhado no campo (Sociologia Rural) e na sub-disciplina (*sociologia rural*).

Em segundo lugar encontramos, a bem dizer inevitavelmente, todas as preocupações e possibilidades advindas do atual estágio da História Humana e Natural denominado “Globalização”. Em terceiro, como um contra-ponto, aparecem as pesquisas sobre a construção de democracias localmente fundamentadas e as políticas públicas capazes de ajudar esse processo. Em quarto, quase como uma consequência, aparece o tema dos Movimentos Sociais, Assentamentos e Reforma Agrária, fortemente freqüentado por pesquisadores brasileiros e de outros países latino-americanos, onde tais questões estão na ordem do dia. A seguir, em quinto lugar, agrupei sob o nome Alternativas à Excludente Sociedade Incluyente temas como extensão rural, sindicalismo, cooperativas e comércio alternativo, que nos remetem às tensas e necessárias relações das populações rurais com a sociedade urbana moderna. Em sexto, um tema relativamente recente, mas que cada vez mais assume e assumirá um papel relevante nas pesquisas da Sociologia Rural: o Meio-ambiente.

Por último, sob a rubrica Outros, aparecem dois temas – o agro nas economias planificadas e religião – que nos últimos anos perderam muito de sua importância nos debates da Sociologia Rural e da *sociologia rural* também. O terceiro tema - ligado à repercussão no mundo rural da discussão sobre os direitos humanos fundamentais -, ao contrário, aponta uma nova perspectiva possível de análise das relações sociais no campo.

Aproveitando a oportunidade de revisar esse paper, procurei repetir a mesma classificação e hierarquização com os textos apresentados aos Grupos de Trabalho do VI Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia Rural – ALASRU, Porto Alegre, Brasil, 2002. Dada a singularidade do campo, os temas definidos para o X Congresso da IRSA serviram bastante bem para agrupar os trabalhos do VI ALASRU, com pequenas diferenças que remetem às especificidades regionais. Por exemplo, em terceiro lugar, na América Latina, encontramos as pesquisas sobre Movimentos Sociais e Reforma Agrária, tão presentes no dia-a-dia da região. Por outro lado, foi necessário criar um tema para agrupar as preocupações de cunho teórico e metodológico, tradicionalmente um aspecto relevante para os cientistas sociais latino-americanos, como vemos no **Quadro 3**, a seguir.

Quadro 3 – Classificação por Temas e hierarquização por número de textos dos Grupos de Trabalho do VI Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia Rural/ ALASRU, Porto Alegre, Brasil, 2002. *

Classificação por Temas	N ° de GTs	N ° de Textos
<u>I - Estudos Clássicos e Contemporâneos do Mundo Rural</u>	<u>5</u>	<u>193</u>
✓ 2 Género y desarrollo rural		43
✓ 18 Juventud y Tercera edad en el medio rural		29
✓ 10 Agricultura familiar		47
✓ 12 Diversidad cultural rural		35
✓ 21 Nueva ruralidad		39
<u>II- Globalização, Mercado e Novas Tecnologias</u>	<u>4</u>	<u>158</u>
✓ 5 Transformaciones estructurales y sociales en la agricultura		50
✓ 9 Impactos, consecuencias y respuestas locales a la globalización		54
✓ 17 Trabajo rural y procesos de proletarianización		21
✓ 19 Agro-industria y sistemas alimenticios		33
<u>III - Movimentos Sociais, Assentamentos e Reforma Agrária</u>	<u>3</u>	<u>143</u>
✓ 7 Reforma agraria y asentamientos rurales		76
✓ 13 Violencia rural		28
✓ 16 Movimientos sociales rurales		39
<u>IV - Democracia Local e Políticas Públicas</u>	<u>5</u>	<u>116</u>
✓ 3 Movilización de los recursos para el desarrollo local		36
✓ 6 Cambios demográficos, migraciones y poblaciones rurales		27
✓ 22 Estado y políticas agrarias		30
✓ 23 Salud, bienestar y condiciones de vida en el medio rural		11
✓ 24 Pobreza Rural		12
<u>V – Aspectos teóricos e metodológicos da Sociologia Rural</u>	<u>3</u>	<u>112</u>
✓ 14 Aspectos sociológicos de la educación y extensión rural		49
✓ 15 Aspectos sociológicos de org. rurales: sindicatos, ONGs, cooperativas e otras		51
✓ 25 Aspectos metodológicos-teóricos de la sociología de los procesos sociales agrarios		12
<u>VI - Meio Ambiente e Sustentabilidade</u>	<u>1</u>	<u>92</u>
✓ 1 Sustentabilidad y Desarrollo Rural		92
Total	21	814

* Fonte: Resumo e CD-Rom do VI Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia Rural – ALASRU, Porto Alegre, Brasil, 2002.

Considerações Finais

O fato de a escola funcionalista americana ocupar um lugar de destaque na gênese e no desenvolvimento do campo da Sociologia Rural e de uma certa *sociologia rural* ajudou a semear a confiança nos “dados da realidade empírica” como um procedimento científico acima de qualquer suspeita. Analisando a vertente francesa, o diretor do Laboratório “Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces” do CNRS da França, Marcel Jollivet, também define essa herança como uma “*vocação*” da qual é difícil (e indesejável, para ele) a *sociologia rural* escapar (Jollivet 1998: 5-25).

No entanto, limitar os debates da *sociologia rural* ao enfoque meramente funcionalista (americano ou francês) é um procedimento há muito questionado pela subdisciplina (Lefebvre 1981). Temas como a oposição rural/urbano, atraso/progresso, local/global, indivíduo/cultura,

natureza/tecnologia, tradição/modernidade podem ser contextualizados a partir de olhares diversos, que apontam valências múltiplas e simultâneas de significados. Reconhecer, recolher e analisar esses significados de valências múltiplas é uma tarefa *sociológica* capaz de enriquecer não só os estudos da Sociologia Rural, mas os próprios pesquisadores e os debates de suas disciplinas de origem.

Os grupos definidos como “possíveis” de agruparem os principais temas do X Congresso da IRSA e do VI Congresso da ALASRU podem nos ajudar a ter uma visão geral do estado atual da arte no campo e na Sociologia Rural. Porém, se quisermos fugir do *olhar* que reduz a natureza e a história humana apenas aos contornos do que conseguimos definir como “objetos”, o alerta dado pelo Presidente da IRSA, Joseph Molnar, de que “*a literatura sobre o conhecimento sociológico e a filosofia da ciência nos mostram que não é possível chegar a uma teoria unificada da organização social*” (IRSA-SOBER 2000: VIII), não deve ser ouvido como um desestímulo a que cada cientista, mesmos os *sociólogos rurais* de formação, busque encontrar unidade e coerência interna nos sentidos de seus estudos. Para que não parem suspeitas de que as incontáveis pesquisas e propostas que transbordam ininterruptamente do campo sejam apenas um sintoma do “*pânico epistemológico*” capaz de acometer os que não conseguem enxergar que qualquer significado, mesmo o mais ‘empírico’, é sempre uma construção humana e não uma verdade incrustada na própria realidade que ajudamos a criar e que nos cabe compreender.

Mônica C. Lepri
São Francisco de Niterói, 2005

Bibliografia

- ABSTRACTS DO X CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA RURAL Versão impressa e CD-Rom, IRSA-SOBER, Rio de Janeiro, 2000.
- BATESON, Gregory - *Steps to an Ecology of Mind*. London: Paladium, 1973.
- _____ *Une Unité Sacrée: quelques pas de plus vers une écologie de l'esprit*. Ed. du Seuil, Paris, 1996.
- _____ *Mente e Natureza: A unidade necessária*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- _____ e BATESON, Mary Catherine - *La Peur des Anges*. Paris: Seuil, 1989.
- _____ e RUESCH, Jurgen - *Communication e Societé*. Paris: Seuil, 1988.
- CHOMSKY, Noam - *A lingüística como uma ciência natural*, in Revista Mana. V. 3, N° 2. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ e Contracapa, outubro 1997.
- JOLLIVET, Marcel - *A vocação atual da sociologia rural*, in Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, n° 11 out, 1998.
- LEFEBVRE, Henri – “Problemas da sociologia rural”, in Martins, J.S. (org.) - *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- MANNHEIM, Karl – “O pensamento conservador”, in Martins, J.S. (org.) - *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- MARTINS, José de Souza – “As coisas no lugar”, in *Sobre o Modo Capitalista de pensar*. São Paulo: Hucitec, 1978, págs. 43-82.
- MARX, Karl . *O capital* - Livro I e Livro III . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____ *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- MENDRAS, Henri. *La fin des paysans*. Actes-Sud, 1984.
- NISBET, Robert – “As idéias-unidades em sociologia”, in Martins, J.S. (org.) - *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. – “A posição atual dos estudos antropológicos”, in Zaluar, Alba (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- RESUMO E CD-ROM DO VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL. ALASRU, Porto Alegre, Brasil, 2002.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1996.